

Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES: — Alberto Pimentel; Bullão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; M. Mesquita; Pinheiro Chagas; S. de Castro; Silva Pinto; Thomaz Ribeiro; V. de Monsaraz; V. de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO: — *Chronica*, por Santillana. — *Uma decada da historia constitucional*, por Pinheiro Chagas. — *Sorrento Tasso*, trad. de D. Guionar Torrezão. — *O phantasma*, conto, trad. de Magalhães Fonseca. — *Os chapens de chave do barão de Mendonça*, conto, por Julio Cesar Machado. — *As nossas gravuras*. — *Versos*, por Antonio Nobre. — *Em familia (passatempos)*. — *A riv.* — *Um conselho por semana*. — *Dois beijos*, soneto, por Ernesto Gandara. — *Entre fidalgas*, conto, trad. de Vidigal Salgado.

GRAVURAS: — *O escultor Soares dos Reis*. — *Arthur Napoleão*. — *A baroneza Maria de Versceira*. — *A casa de campo do archiduque Rodolpho, em Meyerling*. — *Modas (chapens à Directoria)*. — *Barão de Cotegipe*.



CHRONICA

O Carnaval; ministros que entraram e ministros que sahiram: Arthur Napoleão em Lisboa; as correspondencias do capitão Machado no *Commercio Portuguez* do Porto; Antonio Candido despedindo-se á franceza do partido progressista; o regresso das andorinhas e as ultimas chuvas do inverno... vejam que de assumptos nós tinhamos hoje á mão, para bordar a nossa chronica, se todos elles não houvessem já servido de mote ás glosas das folhas baratas!

O Carnaval. Eis o primeiro, o dominante, o verdadeiro assumpto *d'obliga*, aquelle que preoccupou o paiz inteiro desde Melgago até ao cabo de S. Vicente, e que fez as delicias da gente nova e foliona durante tres dias e tres noites.

Uma semsaboria o Carnaval. Todos o teem dito e affirmado, mesmo aquelles que julgaram divertir-se. E' que o verdadeiro entrudo prescripto pela tradição e pelas folhinhas, morreu ha muito; era pequenino, limitadissimo; não chegava a satisfazer as exigencias do nosso povo. Decorridos os tres dias de patuscada, o indigena ficava com fome de folia; não lhe era dado, em tão curto prazo, revelar os seus instinctos e manifestar as suas tendencias. Fez-se pois um accordo tacito entre os poderes do estado e o resto da população, mercê do qual o entrudo passou a reinar durante o anno inteiro, excluidos os tres dias em que antigamente era de uzo afivellar-se ao rosto a mascara serapintada e idiota de Polychinello.

Então é que foi um brodio, um pagode, um delirio! Começou-se de tripudiar em plena liberdade no parlamento, na politica, nos syndicatos, no governo: e tudo quanto para ahi havia de insignificante, passou a mascarar-se de grande homem; e houve saturnaes e banquetes e festins e orgias carnavalescas, que o povo tem pago com a bonhomia de quem se diverte, e está disposto a pagar mais, para mais se divertir.

Pois o que foi a indignação do Porto contra varias medidas governativas, senão uma pulha carnavalesca? E como pôde classificar-se tudo o mais que ahi vimos occorrer na politica, desde a sahida do sr. Marianno de Carvalho até á entrada do sr. Bastano, que foi fazer tirocínio na pasta da marinha, para

mandar-se um engenheiro para os negocios do Ultramar, e um jurisconsulto para o ministerio das obras publicas?

É o adiamento das camaras, e a furia dos regeneradores, e a chefia do sr. Antonio de Serpa, e o sr. Fernando Palha sempre a dizer que sae da camara e sempre a ficar, e o sr. José Luciano feito presidente de conselho, e os annos do joven Lobo d'Avila, e a sellagem, e a tramoia dos vinhos, e a viciação do recenseamento do Porto, e as correspondencias do capitão Francisco Machado?... Pois não será tudo isto o produto d'um carnaval permanente, d'um entrudo que se eternisa?

Ora ali está porque o verdadeiro entrudo tradicional, que começava no domingo gordo e morria com as Cinzas, perante o terrífico *memento* da Igreja, passou já de moda, envergonhado, corrido, levado de vencida pelo outro, pelo grande, pelo de todos os dias, que corrompeu com as suas licenciosidades os nossos costumes austeros, que contaminou com as suas orgias a alma do nosso povo, apagando os escrúpulos de todas as consciencias honestas, e cobrindo com a mascara do impudor e da desvergonha os rostos que se purpureavam de pejo, se por elles rogava, ao de leve que fosse, o balito impuro d'alguma torpeza social.

Isso que ali vimos ha pouco, sancionado pelos decretos da chronologia, obrigado ás duras pelejas do tremogo e da bisnaga, essa miseria asquerosa que se deu em espectaculo pelas ruas, sob um ceu pardalento e triste, é, quando muito, o entrudo das creanças, das betaíras de baixo cothurno, e dos bohemios, d'uns pobres diabos que não podem ainda tomar parte nas patuscadas carnavalescas da politica, ou d'uns imberis que teimam em não acabar com a tradição. Mas ninguém faz caso d'elles, ninguém lhes achá graça. Alarmam a população com o ruido da sua guilhotina, e passam, e somem-se sem deixar saudades. Não provocam o riso; desafiam um esgarro. A' noite, vão, em *pele-mête*, desopilar a ligadeira e encher o estomago de vinhaça nos bailes publicos, para animar o commercio e dar alguns tostões de ganho aos escrivães da Boa Hora. Espirito, nem sombra d'elle: só de vinho, porque não nos consta que no paiz haja outro.

Lembrou-se o anno passado a sociedade elegante, ramo financeiro, de querer arremedar na Avenida os vistosos carnavaes de Nice, e fez, em ponto pequeno, uma batalha de flores. A exhibição do arremedo foi cantada em verso e prosa, como sendo a oitava maravilha do mundo. Nunca se vira por cá uma coisa igual. E effectivamente nunca se vira. Era uma novidade, uma variante florida e perfumada das diversas exhibições carnavalescas do nosso meio. A politica não tomava parte n'ella: apenas caras bonitas e flôres, mocidade e rosas.

Como a tentativa fosse coroada de bom exito, o ramo fidalgo *vicille roche* começou a intrigar o ramo financeiro do mundo dos salões. O despeito e a inveja aceraram a critica mordaz do cretinismo fidalgo, e as picuinhas de sangue azul deram em vaza barris com aquella nota distinctissima dos carnavaes modernos.

Este anno, não foi a uma batalha de flôres que nós assistimos; foi a um enterro de camelias e rosas deslisando lentamente, somnolentemente—pobres rosas!—sobre o macadam da Avenida, ao som de fanfarras que pareciam entoar marchas fúnebres, e levando atraz de si, no couce do tristonho cortejo, montado em feroz ginete, o bravo Moltke da guarda municipal, de gladio quasi a sair da bainha, como se houvesse receio de que as miserias rosas se erguessem das *corbeilles* mortuarias onde dormiam o somno eterno, e viessem cá para fóra, em guisa de Rosas tyrannas, alterar a ordem publica!

A paz das flores, é que aquillo foi. É paz tamanha, que fazia lembrar a paz do tumulo.

Para completar o quadro, ensombrado tristemente pelos tons negros d'um ceu d'inverno, via-se erguida ao fundo, n'um fundo brumoso, ladeada de arvores esguias como cyrestes, a fachada escura da Exposição industrial, semelhando o portal liante, escancarado d'um vasto cemiterio.

E como não havia de ser triste tudo aquillo, se o governo teve representação na festa!

Em terça feira gorda, exhibiu-se a grande mascarada do *Club dos Salsas*, grande pelo apparato de que se rodeiou, que não pelo espirito que revelasse. Os *Salsas* gastaram todo o seu espirito no primeiro anno em que os vimos passear pelas ruas, vestidos de *chéchés*.

Depois, á falta de ideias proprias, recorreram ás ideias dos outros, fazendo critica por conta alheia, ridiculizando casos de quem que se jorras já tinham ridiculizado por outra vez.

Troça velha e estafada.

D'ahi, a falta de originalidade e de graça.

E' já fossil o dizer-se que, no parlamento, os deputados representam de regateiras; que o sr. conde de Franco não dá um real do seu bolso sem que lhe façam *réclame* nas gazetas; que a cidade invicta é o terror dos governos e a fiel depositaria do coração de D. Pedro; que o thesoureiro da Sé fornece alfaias para o culto d'uma formosa filha de Israel; que o sr. Ramalho Ortigão e o sr. Oliveira Martins estão mudados, e que as fezes de Lisboa se acham ha muito revolvidas pela nova Companhia do Gaz.

Pois foi isto o que serviu d'assumpto á mascarada dos *Salsas* e o que os *Salsas* trocaram em versos detestaveis e errados, sem grammatica, e sem sombra de espirito, o que é ainda peor.

Morto porque aquelles tres dias de enorme semsaboria passassem, farto de ouvir o *brouhaha* do povoleu que se acotovelava no asphalto para ver passar aquella procissão de decadentes, como eu senti saudades do meu querido e inolvidavel entrudo de provincia, de ha vinte annos, festejado em familia, respirando graça genuinamente portugueza, o entrudo da seringa e das filhozes com estopa!

SANTILHANA.

Uma decada da historia constitucional

Acabamos de receber este livro composto pelo sr. Antonio Maria Baptista, e de que vamos dar conta, como costumamos fazer, na *Illustração Portuguesa*, para aproveitar, em beneficio dos leitores, os elementos da historia patria que n'elle se possam encontrar.

Antes de tudo, porém, devemos dizer que o livro do sr. Antonio Maria Baptista, apesar de escripto em 1889, está impregnado em todas as paixões de 1838. É um livro partidario, que não tem por conseguinte a imparcialidade da historia, e que não aprecia portanto friamente os successos, á luz da experiencia, e guiado pela logica dos factos; mas não deixa por isso de ter valor, e encerra elementos importantes para a historia d'esse tempo.

O sr. Antonio Maria Baptista é mais defensor da constituição de 1822 do que da constituição de 1838. Deve parecer isto um pouco surpreendente a quem acceita com serenidade as lições da historia. A constituição de 1822, como a constituição de 1791 em França, era perfeitamente inexecuvel. Uma constituição monarchica, sem o rei ter o direito do *veto*, e com uma camara só, está fatalmente condemnada. Põe em presença uma da outra duas forças, cujos conflictos não tem solução possível— a camara e a corôa. O que resulta d'ahi? Resulta que ou vence a camara e quebra a realza, ou vence a realza e quebra a camara. Por isso a constituição de 1791 teve o seu desenlace na praça da Revolução, na guilhotina que decepou a cabeça de Luiz XVI, e a constituição de 1822 a sua em Villa Franca, no golpe de Estado que destruiu o regimen liberal em Portugal.

Onde vê o sr. Antonio Maria Baptista que seja a segunda camara um embaraço para o mechanismo constitucional? Não a tem a republica dos Estados-Unidos? Não a tem hoje todas as republicas? Em toda a parte se tem conhecido que a camara unica se transforma facilmente n'uma Convenção, e esse tyranno de mil cabeças sabem todos que é tão terrivel e oppressor como um tyranno unico, se o não é mais ainda.

Por isso estamos longe de acceitar os commentarios do sr. Antonio Maria Baptista. São apenas os reflexos das paixões politicas do tempo, que nem poupavam Sá da Bandeira, apezar dos cumprimentos que são hoje de rigor á memoria d'esse grande vulto. Faz-nos sorrir vermos o sr. Antonio Maria Baptista por exemplo apresentar Sá da Bandeira como o prototypo da lealdade, e accusal-o ao mesmo tempo de assignar uma amnistia *desleal*. Mas homem *leal*, que assigna um documento *desleal*, ou não é leal, ou é... tolo.

Supponmos que ninguém dirá que Sá da Bandeira fosse uma coisa ou outra.

piradas pelo pessimismo d'este eminente escriptor, que tem encarado sempre a historia portugueza debaixo de um ponto de vista estreito e falso, embora tenha sabido traçar com o extraordinario vigor do seu estylo uns quadros admiraveis que nos deslumbram, como nos deslumbram os de Michelet, que são contudo devidos não ao estudo scientifico e imparcial, mas á phantasia exuberante do poeta historiador.

Como pode o sr. Antonio Maria Baptista cingir-se á apreciação parcialissima do sr. Oliveira Martins no que respeita aos factos occorridos em Portugal logo depois da restauração de 1834? Pois não vê que põe completamente de parte um elemento que é necessario ter em muita conta, o estado dos espiritos em Portugal depois da queda do regimen oppressor de D. Miguel? Julga que era facil fazer ouvir a voz da clemencia e da generosidade quando em torno de D. Pedro se agrupavam, reclamando vingança, os desgraçados que saíam das casas-matas de S. Julião da Barra, dos carcereiros de Almeida, das prisões do Castello, os que vinham da emigração, onde tinham passado asperos tormentos, e encontravam as suas casas arruinadas, os seus haveres perdidos, as suas familias na miseria, as suas mães e as suas mulheres avelhantadas e alquebradas pelas torturas moraes que tinham soffrido durante seis annos?

Se, apesar d'isso as represalias sanguinolentas tomadas contra os miguelistas rapidamente se reprimiram, se a lei das indemnisações caiu diante da voz eloquente de tres deputados generosos, não prova tudo isto que era bastante salutar o principio generoso da liberdade, que tornava a implantar-se na terra portugueza, para impedir que se respondesse com uma vingança, que a todos parecia justissima, ás oppressões, á tyrannia, ao implacavel regimen do Terror que D. Miguel estabelecera?

Onde é que se viu nunca desabar um regimen implacavel como esse, sem que no animo dos que o destroem, embora defendam principios generosos e santos, refervam os sentimentos de vingança, que difficilmente se consegue reprimir?

Quando a revolução de *thermidor* em França poz fim ao regimen do Terror, cabrio as prisões, onde os captivos esperavam a hora de subir á guilhotina, julga o sr. Antonio Maria Baptista que se passou a um regimen de benevolencia? Não! Os *thermidorianos* vingaram-se. Os homens do Terror subiram á guilhotina como tinham feito subir tantos outros; a *jeunesse dorée*, armada com as suas formidaveis bengalas, perseguia em todos os recantos de Paris os jacobinos, que pouco antes inspiravam terror, e foi difficillimo restabelecer um regimen salutar e clemente.

E imagina o sr. Antonio Maria Baptista que, depois de 24 de julho de 1833, era facil ao governo liberal proteger contra os homiziados esses carcereiros que ainda na vespera tinham sido o terror e o flagello das suas familias? E contudo, a não serem alguns actos de vingança, que foi completamente impossivel evitar, o que houve em 1834 que se assemelhasse, nem de longe sequer, ao que se praticava em todo o reino de Portugal no periodo nefasto que começara em 1828?

Podem acceitar-se, como o faz o sr. Antonio Maria Baptista, as seguintes palavras do sr. Oliveira Martins, que o commentario do sr. Baptista ainda torna mais injustas:

«Fallando d'este periodo de devorismo, d'este periodo de esbanjamento tresloucado, expressa-se assim o sr. Oliveira Martins:

«Dava-se balanco á nação, e achava-se uma ruina: palpava-se o thesouro e todas as artes dos ministros eram incapazes de o encher; indagavam-se os campos, e sentia-se o estalar dos trabucos assassinando miguelistas; parava-se a escutar quem falava, e só se ouvia um clamor universal por empregos em pagamento de serviços.»

Tudo isto é insensato, permittam-nos que o digamos; chamar periodo de *tresloucado esbanjamento* a um periodo em que se diz logo em seguida que não havia que esbanjar, de *devorismo* em que se diz tambem que o ministro debalde se esforçava por não esvasiar o thesouro, mas por encher-o, é a contradicção mais flagrante e mais singular que pôde imaginar-se. Estão aqui as paixões da epoca, que eram a consequencia das paixões da emigração. O Thesouro nacional, da mesma forma que os cofres da emigração, estavam vazios, mas nem os emigrados, nem os facciosos de Lisboa podiam acreditar que os chefes da emigração e os ministros não se enchessem... provavelmente com o ar que havia no Thesouro. Era devorista Silva Carvalho, eram devoristas os seus ollegas, que sabiam pobres do ministerio. Quem nos dá agora esses devoristas?

de plena liberdade de imprensa, em que o partido miguelista poudo livremente enumerar os seus agravos, onde se encontra na sua imprensa e nas suas publicações uma só queixa que motivasse estas palavras do sr. Oliveira Martins? Quaes foram os miguelistas que emigraram, como os liberaes, para não serem victimas de perseguições? Podem apresentar-se como serios fundamentos d'esta asserção os actos de vingança isolados que se praticaram logo em seguida ao triumpho liberal? Os trabucos que se ouviam nos campos, eram os das guerrilhas miguelistas que ainda se mantinham; eram os do Remechido, que acordavam os echos das serranias do Algarve.

Ha ainda outras affirmações reproduzidas pelo sr. Baptista, que precisam de resposta. Ficam para o proximo artigo.

PINHEIRO CHAGAS.

SORRENTO TASSO

(Excerptos)

EMILIO CASTELLAR

Tasso não consagrou a Sorrento os versos a que tinha direito a sua formosura, e Sorrento consagrou a Tasso a estatua a que tinha direito a sua gloria.

A *Jerusalem libertada* é um dos monumentos mais grandiosos da lingua italiana.

Em Italia, é vulgar encontrarmos pessoas que votam religioso culto a um poeta e que lhe dedicam toda a sua existencia. Prosa, verso, biographias, commentarios, catedras, tudo se lhe aligura pouco para o seu genio favorito. E quando não escrevem officialmente, fallam a toda a gente do unico assumpto da sua vida.

Ninguém que vá a Ferrara deixa de sentir vontade de chorar, ao visitar o apertado carcere, attribuido pelo vulgo á crueldade de Alfonso II e á paixão de Torcato Tasso.

Com respeito áquelle legendario calaboiço, divulgaram-se as mesmas exaggerações que envolvem os pombos de Veneza.

Um dia, o poeta da duvida e do desespero, lord Byron, bello e pervertido como Satanás, nas exaltações demoniacas da sua inspiração, e nos espasmos febris do seu delirio, chegou a Ferrara, visitou o carcere, gotejante das lagrimas do poeta martyr, e ali se conservou encerrado por espaço de duas horas, passeando agitado, batendo com a cabeça pelas paredes, como que para absorver todas as tristezas ali accumuladas, fitando o pavimento da prisão que empallidece atravez das grades, o reflexo da retina fulgurante, cravado na abobada, o vestigio do corpo, estendido na fria lousa, as sombras em que os canticos ao amor e as elegias á amisade se mesclavam aos horribéis gemidos e ás gargalhadas histericas dos doidos; todas as dôres de um corpo retalhado pelo martyrio e todas as amarguras de uma alma, punvida pela ingratidão e pela injustiça.

A visita ao escuro carcere inspirou a Byron uma lamentação, que em nada se assimelha ás lamentações de Jeremias; o exaggero da phrase e o estylo empolado, deslustram essa peça, indigna de ser collocada a par de outras obras, que glorificaram o nome do poeta e enriqueceram a litteratura d'este seculo.

Materialmente, porém, lord Byron perdeu o seu trabalho e a sua poesia.

A pseudo prisão de Tasso, não encerrou nunca o grande poeta, ou encerrou o por tão breves dias, que em verdade não valia a pena tanta exaggeração.

Foi, effectivamente, preso, no mesmo edificio onde os cicerones indicam o seu carcere, mas não esteve no quarto, em que lhe faltaria luz e espaço para escrever, como escreveu, durante esses dias, cantos inteiros do seu poema e dialogos magistraes da sua philosophia.

Tasso, perdendo a amisade do principe, foi recolhido ao que hoje se denomina, é franceza, — uma casa de saúde; d'ahi os

Tasso já então padecia essa demencia, peculiar ás faculdades exuberantes, ao excesso de sentimento e imaginação, ás exaltações de caracter e fantasia. A exaltação subiu de ponto, aggravada por apprehensões de tal ordem, que o poeta suppunha que o universo conspirava contra a sua honra, o seu nome e a sua vida.

A despeito de tudo, Tasso habitou sempre em alojamentos confortaveis e espaçosos, onde foi visitado por principes reinantes, como o duque de Mantua...

Um professor de Pisa, provou que Tasso fôra encarcerado, em virtude da paixão que votára á princeza Leonor, irmã de Alfonso II; um historiador florentino affirmou, ao contrario, que a prisão do poeta resultára de ter elle querido abandonar o serviço da casa dos Estes pela dos Médicis.

A este respeito, estabeleceu-se uma especie de pleito entre os dois contendores, sendo chamado a emittir voto o Instituto de Franga e em seguida a Academia de Italia, que nunca pronunciaram a sentença nem resolveram o assumpto...

Tasso foi o poeta da decadência, a despeito de pertencer pelo seu estylo aos tempos da mais classica e consummada perfeição litteraria.

Poeta que não presente no seu coração, não preadivinha na sua intelligencia, não se antecipa ao seu tempo, carece para mim da essencialissima faculdade do genio, carece do dom da prophécia.

Quando nos abysmamos nos reconditos meandros da epopéa catholica; quando compulsamos a maravilhosa satyra que entrou a cavallaria feudal; quando assistimos á *Vida es sueño* do nosso genio dramatico e ao *Hypocrita* do genio comico francez, o que mais impressiona o nosso espirito e o arrebatá, á parte o sentimento e a arte, são as magicas e sobrenaturaes intuções do porvir.

Mas um poeta cortezão, que passa a vida mendigando de porta em porta o favor dos principes e cardeaes; mais papista do que o despotico Papa Pio V; mais monarchico do que o sinistro monarcha Carlos IX; exaltado, a ponto de applaudir as perseguições e as guerras religiosas; impassivel ante a carnificina da tragica noite de S. Bartholomeu: um poeta assim, não semeia nenhuma d'essas idéas, nem desperta nenhum d'esses affectos, que correspondem aos mysteriosos fios com os quaes se tece o trama da vida e se prepara para a iniciação do progresso o espirito das futuras gerações.

Dante penetra na vitalidade das cousas, profunda o abysmo, surprehende o segredo das edades vindouras, eleva a consciencia para o altar do eterno, como hostia consagrada; vibra na profunda dôr, na intuición de vidente de toda a colossal grandeza dos prophetas hebraicos, Isaias e Jeremias, os quaes, soccorrendo-se dos symbolos e do idioma do passado, illuminam a alma e o pensamento das gerações extinctas, mas arrancadas á necropole do nada, evocadas do reino das sombras e promptas a recommencarem uma nova existencia, mercê d'esse sopro creador que passou pelo abysmo dos tempos, como um clamor da eternidade.

O proprio Ariosto, cheio de graça e de vida, ébrio de pensamentos, exaltado de paixões; com aquelle sorriso, impregnado de jubilo classico, com aquella caudal de fantasia que ultra passa as origens creadoras do genio, com aquella selva de idéas que se alastram pelo torrão maculado ao contacto do feudalismo: escarnecendo as instituições mais fortes e as leis mais admittidas: abrindo o encantado céu da sua magica inventiva ao delirio dos sentidos, extraviados ao longo de tantos seculos de sonhos mysticos, o proprio Ariosto, meio pagão e meio christão, personifica n'aquellas orgias da sua inspiração e n'aquella paschoa de universal regosijo, toda a grandeza da Renascença.

Tasso, ao inverso d'elle, canta um feito, a tomada de Jerusalem, que commoveu a Europa nos seculos undecimo e duodecimo, mas que é totalmente estranho á sua epocha, e ainda mais ás epochas posteriores.

GUIMAR TORREZÃO.

O PHANTASMA

(Por Marmier, da Academia franceza)

Na vertente de uma colina, nas margens da Furth, ergue-se...

O'Shea. De um lado e d'outro, a uma grande distancia, nevillama outra habitação se via. e muitas vezes, pela noite velha, era o honrado Nils acordado por algum viajante, que desejava atravessar a impetuosa corrente, e não ousava aventurar-se sózinho no difficil vau.

Uma noite de inverno. no meio das lufadas de um vento tempestuoso. a mulher de Nils julgou ouvir um grito de angustia. Sem hesitar, acordou seu marido, que dormia n'um banco proximo do fogão, e que se levantou immediatamente, lançou mão de um grosso cajado com ponteira de ferro, e encaminhou-se para a margem da Furth.

—Está ali alguém? bradou elle com uma voz que retumbou, por entre o fragor da tempestade e o bramido das ondas.

Respondeu-lhe, do outro lado do rio, um homem. Nils dirigiu-se para elle.

—Ah! disse este homem com viva commoção, o senhor é o meu anjo bom. Foi a providencia que o enviou em meu soccorro.

—Quem quer que você seja, retorquiu o honrado camponez. poderá passar a noite menos mal em minha casa.

E dizendo estas palavras, agarrou no desconhecido com toda a sua força de gigante, pôl-o ás costas, e começou a andar sobre as rochas esparsas, que formam, no meio da Furth, uma especie de ponte quebrada.

Conduz-o assim até á outra margem, e encaminha o depois á sua cabana, onde a sua solícita companheira teve o cuidado de accender um bom fogo.

O desconhecido, por elle salvo de um perigo mortal, é um homem de elevada estatura, que n'outro tempo deveria ter sido vigoroso e bello.

Presentemente é magro e debil, e o seu corpo curvado, mais pelo soffrimento que por effeito da idade, que será, quando muito, de cincoenta annos.

O seu traje revela a sua miseria. Não traz nem meias nem sapatos, e na cabeça vê-se-lhe um chapéu de panno em cima de um barrete de dormir de lã encarnada.

Enquanto Catharina prepara caritativamente a ceia, conta elle a sua historia.

Nasceu n'um condado ao norte da Irlanda. Muito moço serviu na marinha e perdeu uma perna n'um combate contra piratas. Declararam-n'o então incapaz do serviço e licenciam-n'o. Não tinha já nem parente nem refugio algum. Viu-se, portanto, sem amparo, sem recursos, reduzido á mendicidade, e ha vinte annos que só vivia de esmolas.

Enquanto elle fazia esta triste narrativa, olhavam-n'o enternecidas as creancas. Em seguida Catharina serviu-lhe uma sôpa quente e depois indicou-lhe uma cama onde podia passar uma noite tranquillã.

No dia seguinte a tempestade acalmara-se. Furth apparecia limpida e tranquillã. Soube o mendigo, pelo seu generoso hospede, que o vau d'esta ribeira era muito frequentado, e por isso lhe occorreu a ideia de renunciar á vida nomada, e estabelecer-se alli, onde facilmente poderia obter a esmola quotidiana.

As suas primeiras tentativas confirmaram as suas esperanças. Assentava-se, de chapén na mão, na margem da Furth. O aspecto do seu rosto macilento, e da sua perna de pau, commovia os que passavam. Quasi todos lhe davam algum obulo. Não se sabia nem a sua origem nem o seu nome; mas, como tinha sempre na cabeça o enorme barrete encarnado, chamavam-lhe *Bunoggy Ruadh* (mendigo vermelho).

Estabeleceu assim a sua vida. De noite tinha um abrigo certo na caridosa casa de Nils. Logo de manhã dirigia-se para o seu posto, e ali se conservava até á noite, assentado n'uma rocha que ainda hoje se chama *a rocha do mendigo vermelho*. Recebia todos os dias algum dinheiro, mas não dispendia nada. Para se alimentar era-lhe bastante uma côdea de pão, e não usava senão o fato esfarrapado que lhe davam por esmola.

De dia para dia, de mez para mez, silenciosamente, secretamente, ia ajuntando o seu peculio. Ninguém sabia onde o occultava, e não se lhe podia fallar em tal sem que se encolerisasse.

Decorrem annos e annos. Nils morreu. Seus filhos estão casados, e abandonaram o lar paterno, á excepção de Terry, o mais novo que declarou não querer separar-se de sua mãe.

O mendigo continua a ir todos os dias para o pé do vau da Furth, estender a mão aos que passam, e todas as noites encontra o asylo na caritativa casa. Uma manhã, por um bello sol de estio, sentindo-se doente, ficou de cama.



ARTHUR NAPOLEÃO

—Ah! meu rapaz, isto está acabado; faltam-me as forças. D'aqui só sairei no esquife mortuario.

Terry fita-o com um profundo sentimento de commiserção e diz-lhe:

—Quer que vá chamar o padre?

—Não; ha muito tempo que não vou á egreja. Agora é inutil invocar os seus soccorros.

—Deus é misericordioso. Perdão a quem se arrepende.

A estas piedosas palavras replica o mendigo com um gesto que indica a sua brutal resolução.

Terry fita-o de novo dolorosamente.

—Pois bem, diz elle após um breve silencio, quer-me dar algum dinheiro para que eu mande vir um medico?

—Dinheiro! exclama, furioso, o velho. Dinheiro! Pois tu pensas em tal? Onde ia eu buscar dinheiro? Eu não tenho nem um schelling.

—Não falle assim, replicou Terry; estou certo de que tem feito importantes economias.

—Que a minha alma não encontre repouso na morte, se eu posso sequer com que pagar um caixão.

Terry fez o signal da cruz, para pedir a Deus o perdão d'aquella flagrante mentira; depois disse ao infeliz velho:

—Parece-me que se approximam os seus ultimos momentos; tem alguma recommendação a fazer-me?

—Uma unica. Pego-lhe instantemente que me faça enterrar com o meu barrete.

—Prometto-lhe'o.

Instantes depois o velho mendigo estava morto.

Segundo o uso da terra, o seu corpo foi lavado e velado durante a noite; a do terceiro dia a gente da aldeia reuniu-se para o conduzir ao cemiterio, onde devia repousar até ao juizo final.

Fallava-se muito nas economias que elle fizera, e acreditava-se geralmente que as entregára a Terry. Mas Terry, que assistira aos seus ultimos momentos, pensava que o producto d'uma avareza diabolica é recoado pelo diabo, e dizia, de si para si, que o thesouro do mendigo devia estar occulto n'alguma cavidade.

Na noite que se seguiu ao enterro estava elle inquieto e agitado. Só muito tarde conseguiu adormecer, e mal fechou os olhos, levantou-se em sobresalto, soltando um grito de terror.

—Que tens? perguntou-lhe sua mãe, que dormia n'um quarto proximo, e que, tendo notado a sua agitação, não podera conciliar o somno.

—Assustou-me, respondeu elle, a appareção do nosso velho hospede, e agora mesmo me parece vê-lo diante de mim.

—Santa mãe de Deus, exclama Catharina, protégei-nos! É muito possivel que não encontre repouso na sepultura esse desgraçado que não quiz ser assistido por um padre, e que, na sua hora derradeira, proferiu uma mentira e uma impiedade.

E como te appareceu elle?

—Exactamente como nós o viamos todos os dias, mas parececeu-me que o seu barrete vermelho o incommodava, e que elle se esfregava para o tirar.

—Ah! Estás certo de que antes de o fechar no caixão lhe fossem desapertados os cordões que prendiam esse barrete?

—Não attendi a isso.

—Pois ahí está. Tu não ignoras, decerto, que não pôde ter descanso na sepultura aquelle que se sente opprimido dentro das vestes que lhe servem de mortalha.

Dos labios de Terry soltou-se um novo gemido.

—Animo, proseguiu Catharina. A'manhã vae, com um dos nossos vizinhos, abrir a cova que hoje fecharam, e vê. Se o barrete, ou qualquer outro objecto, não estiver bem arranjado, põe-o em boa ordem, e o velho não tornará mais a perturbar-te.

—Deus o queira.

Assim que amanheceu, Terry, cumprindo as instrucções de sua mãe, foi procurar um camponio da vizinhança, abriu com elle a cova, e verificou que effectivamente o barrete estava muito apertado debaixo do queixo. Desapertando-o, viu brilhar dentro d'elle uma moeda de ouro. Sem nada dizer, repoz o cadaver no caixão, e retirou-se com o seu companheiro.

Assim que chegou a casa, contou á mãe a sua singular descoberta.

—Estou certo, disse elle, de que com essa moeda se encontram muitas outras. É por essa razão que o velho avarento quiz ser enterrado com o seu barrete. Era ahí que elle escondia o seu thesouro. Na manhã seguinte irei buscar-lhe.

não tens receio?

—Receio de que, quando posso honradamente obter uma fortuna?

E, com este tentador projecto, foi alegremente trabalhar nos campos.

A' noite preparou-se para pôr em pratica o seu designio, enquanto sua mãe, inquieta, ora lhe mostra o perigo da empresa, ora pede a Deus que ella tenha um feliz resultado.

A' meia noite, Terry sae com a sua enxada em direcção ao cemiterio.

O ceu está limpido. O disco lunar mostra-se, desannuviado, em meio de myriades de estrellas. Terry olha para todos os lados, afim de se certificar de que está completamente só, e não vê ninguém.

Reina na planicie uma tranquillidade absoluta. Na aldeia todos dormem.

Dirige-se para a sepultura, abre-a, tira o barrete do morto, e em seguida torna a encher a cova e regressa a casa. Ao realizar esta operação assaltou-o um sentimento de temor e de remorso. O peso do barrete, porém, deu-lhe uma esperança que o encheu de jubilo.

Volta sem demora para junto de sua mãe, que, de joelhos, invoca para elle o auxilio de Deus e de todos os santos.

Apenas chegado, tira da algibeira o pesado barrete, que o velho avaro queria conservar até no caixão.

Que extraordinaria descoberta! Que fortuna! A boa Catharina fica deslumbrada, e Terry forma com ella os mais tentadores projectos e contia que finalmente poderá desposar a formosa Lucia, filha de um rico lavrador dos arredores, pela qual, de ha muito, elle suspira. Deita-se com esta risorha perspectiva em mente. Mal havia, porém, adormecido, quando de subito acorda, muito agitado, e soltando um grito de terror, faz despertar sua mãe.

—Que mais ha? perguntou ella.

—O mendigo, replicou Terry. Sonhei que o via, á claridade do luar, junto da Furth, erguendo, ás mãos ambas, um pedaço de rocha. Approximei-me d'elle e perguntei-lhe o que procurava. Elle então lançou-me um olhar sombrio e respondeu-me: «Procuro o meu barrete».

—Ah! replicou a Catharina, é bem certo dizer-se que a fortuna attrahe a fortuna. Quando o dia romper, vae procurar n'esse rochedo que o nosso velho hospede erguia, e estou certa de que alguma cousa lá encontrarás.

—É muito possivel.

Ao amanhecer, Terry dirigiu-se á margem da Furth, ao local onde o mendigo lhe apparecera, e, debaixo do rochedo, encontrou na areia uma bolsa cheia de moedas de cobre e prata.

—Ah! exclamou elle radiante de alegria, um augmento mais para a nossa fortuna. Que bello dia aquella em que o mendigo vermelho entrou em nossa casa!

—Pois não foi n'um bello dia que nós o recebemos, murmura Catharina, que, a poucos passos de distancia, seguira seu filho. Foi por uma noite fria e tempestuosa.

—Dia ou noite, pouco importa. Eis-nos finalmente ricos, e tão ricos que nada temos que invejar a ninguém.

De regresso a casa, mãe e filho pozeram-se a contar o seu thesouro, e passaram o dia a architectar os mais dourados projectos.

A' noite, porém, Terry de novo se ergueu apavorado. «O mendigo! exclamou elle, o mendigo! Está encolerisadissimo! Bate no chão com a sua perna de pau.»

—Talvez ainda que tenha escondida alguma porção de dinheiro, retorquiu a mãe, e que isso o impeça de dormir.

Não ouve o barulho que elle faz? Vae decerto quebrar todos os moveis. Ah! maldita a hora em que eu fui buscar os escudos que elle ajuntára. Não ficarei, porém, como elles. Apenas fôr dia, irei repôl-os no lugar em que os encontrei.

—Mas seria lamentavel, deixar occulto na terra esse ouro de que tão bom uso pode fazer-se!

—É possivel, tornou Terry, mas nem por todo o ouro do mundo me resolveria a ser, na minha tranquilla habitação, atormentado todas as noites pelo phantasma do velho avarento.

—Pois então, disse Catharina, vae procurar o padre cura, entrega-lhe tudo quando recolheste, tanto no cemiterio como ao pé da Furth, e elle decidará como devemos empregar esse thesouro para descanso da alma penada.

—Tem razão. D'agora a poucas horas assim farei.

continuava no seu ruído, derribando os moveis, quebrando a lou-



A BARONEZA MARIA DE VERSCERA



A CASA DE CAMPO DO ARCHIDUQUE RODOLPHO EM MEYERLING

ga, e espancando o cão e o gato. Dir-se-lhia ser o demonio que entrara em casa.

Afinal rompeu o dia. Terry, que o esperava com impaciência, ergueu-se á pressa, lançou mão do fatal dinheiro e encaminhou-se para o presbyterio.

—E's muito madrugador, meu amigo, disse-lhe o padre. Que negocio te traz cá tão cedo?

Terry contou-lhe as suas aventuras, e a resolução que tomara.

—Não posso receber esse dinheiro, respondeu-lhe o padre, porque elle me não pertence.

—E eu, replicou Terry, não quero guardal-o. Não quero ser perturbado todas as noites pelo phantasma.

—Pois bem, leva esse dinheiro ao castello. O nosso digno senhor saberá decerto o melhor emprego que lhe deve dar.

—Nem ao castello nem ás castellãs! exclama Terry lançando o thesouro aos pés do padre.

E bruscamente abriu a porta, e fugiu precipitado.

«Seja Deus louvado, dizia elle consigo, voltando a passo estugado para a sua habitação, eis-me livre, finalmente, d'esse maldito dinheiro».

Uma hora depois, a creada do presbyterio dirigia-se á cidade, a casa do administrador, e entregava-lhe o thesouro abandonado por Terry, e conjunctamente uma carta do padre, contando a historia do mendigo, e pedindo ao venerando magistrado que se servisse empregar n'alguma obra util o dinheiro tão mysteriosamente accumulado durante muitos annos.

E assim foi. Com esse dinheiro construiu-se uma ponte sobre a Furth, a qual foi denominada a *Ponte do pobre*.

O mendigo não tornou a perturbar o somno de Terry; mas ha ainda quem pretenda que, á meia noite, elle apparece com o seu barrete de lã vermelha na margem da ribeira junto, da rocha onde estacionára por tanto tempo. Olha para a ponte construida sobre o perigoso vaú, sorri e affasta-se.

(Trad.)

MAGALHÃES FONSECA.

OS CHAPEUS DE CHUVA DO BARÃO DE MENDONÇA

Veiu a Lisboa, de uma occasião, o barão de Mendonça, no tempo em que estava consul em Bordeus, e hospedou-se no hotel Central.

Nos quartos, que habitou, de tal ordem se estabeleceu concorrencia de visitas, que houve tempo de se entruviscar o dia, e mudar, de uma manhã clara e formosa, para uma tarde de inverno...

O barão, que tinha de sair, disse a um dos creados que mandasse comprar para elle um chapéu de chuva.

N'uma das lojas do hotel Central acha-se estabelecido um dos melhores cabelleiros de Lisboa, Godefroy filho, que, entre outros objectos, vende chapéus de sol ou chuva, como queiram.

O creado do hotel foi ao cabelleiro e disse-lhe simplesmente que mandasse chapéus de chuva ao quarto numero tantos, a fim de que o hospede podesse escolher o que mais lhe conviesse.

O cabelleiro assim fez; e appareceram no quarto da barão de Mendonça, gentilmente encostados a um canto ao pé da porta, seis bellos chapéus de chuva.

O barão, conversando, palrando e rindo, nem sequer deu por tal.

A chuva cahia mais desapiedadamente de instante para instante, e tugo indicava que não deveria parar tão cedo.

As visitas olharam umas para as outras como quem diz—E esta?!

A pouco e pouco, vendo que não havia remedio, resolviam-se ora uma ora outra a despedir-se...

—Então já? dizia-lhe o barão. Está a chover muito!

—Não ha remedio. Tenho que fazer!

—Leve ao menos um chapéu de chuva!

E mettia-lhe nas mãos um dos chapéus, que o Godefroy en-

—Não trouxe chapéu de chuva?

—Não trouxe, não. Pois quem poderia esperar que o tempo se pozesse assim?!

—Aqui está um: dizia o barão.

E dava-lhe outro chapéu de chuva.

Assim foram saindo successivamente todas as visitas, e successivamente tambem foram com ellas saindo os chapéus de chuva...—chapéus de chuva do Godefroy!

O barão, ficando só, resolveu-se tambem a sair.

E, não vendo chapéu de chuva algum, chamou o creado.

—Estavam no cantinho... seis, sr. barão, seis!

—O que?! Seis!

—Pela minha propria mão aqui os puz...

—Bem: vá buscar-me um para mim.

—V. ex.^a já reenviou os outros, os taes seis que eu trouxe? Não gostou do feitio d'elles? Os castões não eram feios... A seda parecia boa... Eram de doze varetas, barba de baleia... Não agradaram a v. ex.^a?

—Vá buscar-me outro, vá buscar-me mais um... Despache...

—O sr. barão fica com os sete?

Muito bem! Corro a ir buscar mais esse, sr. barão! E' um pulo!

E dando-se a circumstancia de não ter n'essa occasião mais chapéus de chuva á venda o Godefroy, continuando a chover torrencialmente, e não havendo maneira de obter um trem, o barão de Mendonça desceu, contemplou á porta da rua aquella renovação do dilúvio, e, na contingencia de ter de ficar em casa por não ter chapéu de chuva, e ir para a rua encharcar-se, voltou para o quarto.

A esse tempo, mandava-lhe o cabelleiro Godefroy a continha e o recibo dos seis chapéus,—que o barão pagou.

JULIO CESAR MACHADO.

AS NOSSAS GRAVURAS

O ESCULTOR SOARES DOS REIS

Suicidou-se ha poucos dias no Porto este artista de raça, cujo nome era merecidamente apreciado em Portugal e no estrangeiro.

Nascera a 14 de outubro de 1847, na freguezia de Mafamude, e passou os primeiros annos da existencia exercendo as humildes funcções de marçano na mercearia de seu pae.

Os seus divertimentos predilectos eram escavar madeira, para d'ella arrancar figuras, e rabiscar papel para compôr os mais extravagantes desenhos.

N'estas figuras e n'esses desenhos, havia, porém, a revelação de um genio, e, a instancias de amigos, o pae accedeu a que o pequeno frequentasse desenho na Academia Portuense de Bellas Artes, matriculando-se em 1 de outubro de 1861 no 1.^o anno dos cursos de esculptura, desenho e architectura. Terminou os seus estudos em 1867, sendo sempre considerado distincto e conquistando numerosos premios.

Em 1867, concorreu ao lugar de pensionista do Estado no estrangeiro e foi approvedo por unanimidade.

Em 27 de outubro d'aquelle mesmo anno partiu para Paris, levando pouco mais do que o seu talento, pois minguaos eram os recursos que o nosso ensino artistico fornecia n'aquelle tempo.

Entrando na escola de Bellas Artes, frequentou ali o curso de esculptura, sendo cheios de desalento os primeiros tempos em que viveu em Paris. Na escola conquistou as maiores distincções, entre as quaes um 1.^o premio pecuniario de 300 francos.

Soares dos Reis esteve em Paris até 1870, retirando precipitadamente para Portugal por causa da guerra franco-prussiana.

Em 7 de janeiro de 1871 o grande artista sahiu para Roma. Abi executou essa obra prima, *O Desterrado*, que tem feito a admiração de nacionaes e estrangeiros. Tambem lá executou, de collaboração com o sr. Simões de Almeida, um medalhão de

—E não temos outro dia: adeus, meu amigo.

regressando para o seu paiz.

Teve momentos de desalento quando viu que na terra onde nascera não encontrava applicação para o seu engenho.

Passado tempo, porém, as encomendas começaram a afuir, e Soares construiu o seu *atelier* em Villa Nova de Gaya.

Em 1881 apresentou-se ao concurso para o provimento da cadeira de esculptura da Academia Portuense de Bellas Artes, começando a reger a cadeira n'esse mesmo anno. Soares dos Reis tinha o projecto de grandes reformas no ensino, e n'este sentido corre impresso um opusculo seu; mas não conseguiu vêr completamente realisação os seus intentos.

Além das distincções que alcançou como alumno das Escolas de Bellas Artes do Porto e de Paris, Soares dos Reis obteve uma menção honrosa na exposição universal de Paris, de 1878, medalha de ouro na de Madrid, de 1881, e o grau de cavalleiro de Carlos III de Hespanha, grau inherente áquelle premio e de que o eminente artista nunca quiz fazer uso.

Além d'isso era academico de merito das Academias de Bellas Artes de Lisboa e Porto.

E' grande o numero das obras d'arte que deixou Soares dos Reis, todas ellas valiosissimas.

ARTHUR NAPOLEÃO

Acaba de visitar-nos inesperadamente, depois de longos annos passados no Brazil, onde fixou a sua residencia, este distinctissimo pianista, o primeiro entre os primeiros dos pianistas portuguezes.

Conhecemol-o quando eramos ainda muito creanças e elle muito novo, um *dandy*, um romantico, que fazia andar á roda as cabeças de varias formosuras portuenses. Ouvimol-o então tocar; era já uma notabilidade, um artista correctissimo. Encantou-nos. Hoje, arrancando do piano torrentes de harmonia, com a sua execução primorosa e inimitavel e magistral, não nos encanta só: fascina-nos e arrebatá-nos. Parece que o seu talento d'artista de raça se avigorou com a idade, ao contrario do que succede a muitos outros artistas.

Saudando Arthur Napoleão na visita que vem de fazer a Portugal, publicamos hoje o seu retrato, uma das mais bellas gravuras de Pastor.

A BARONEZA MARIA DE VERSCERA

Tinha 17 annos apenas a malograda heroína do triste drama de Meyerling: 17 annos gentis, e uma belleza fascinadora. Era pequenina, *mignonme*, graciosissima, de pelle branca, muito branca e setinosa, cabellos pretos d'azeviche, e olhos cõr do céu, meigos, encantadores.

Olhos azues e cabellos negros... que adoravel e formoso contraste!

Davam-lhe o titulo de baroneza, porque na Hungria é moda, quando as mães são titulares, conferir-se ás filhas o tratamento que se dá áquellas.

E' baroneza a mãe da malograda creança, por ter desposado o barão de Verscera, illustre fidalgo hungaro, que em tempos occupou uma elevada posição politica, e que morreu ha dois annos no Cairo, onde fôra encarregado d'uma importante missão financeira.

A baroneza, mademoiselle Baltazzi, levou em dote a seu marido mais de tres milhõs de florins.

Este, apesar de rico, viveu sempre modestamente, ao passo que sua esposa, devorada pela ambição de honrarias e grandezas, levava uma vida de *grande dame*, dando festas esplendidas e convidando para os seus salões a mais alta nobreza de Vienna.

Um dos convidados foi o archiduque Rodolpho. As visitas do principe repetiram-se, os dois jovens amaram-se, e a mãe baroneza deixou que elles se amassem, fechando os olhos, gostando até d'aquelle idyllo, que lhe proporcionaria a realisação das suas ambições desmarcadas.

Desgraçadamente, porém, o epilogo do romance foi tragico.

A CASA DE CAMPO DO ARCHIDUQUE RODOLPHO

EM MEYERLING

Este chateau, ou antes esta simples casa de campo, onde se

matou o archiduque Rodolpho, está situada n'um ponto bastante pittoresco, que é o passeio favorito dos viennenses, e dista da estação do caminho de ferro de Baden alguns kilometros apenas.

Nada distingue esta casa das outras que lhe ficam proximas. O *château* de Meyerling offerece o aspecto d'uma propriedade burgueza, parecendo mais a habitação d'um rico proprietario, que a vivenda de um principe de sangue.

MODAS

Chapeus à Directorio

Offerecemos hoje ás nossas leitoras os modelos de dois chapeus à Directorio, qual d'elles mais appetitoso.

1.º—Grande chapeu em velludo verde escuro; abas levantadas, guarnecidas de plumas de abestruz e laços de fita de velludo. Preenche o vacuo da aba, na frente, nma pluma de abestruz. *Brides* de velludo.

2.º—Chapeu direito, de velludo preto, forrado de setim cõr de rosa. Guarnece o alto da copa um molho de plumas pretas e cõr de rosa; uma grande pluma preta amazona dá a volta da aba e cae sobre a testa.

BARÃO DE COTEGIPE

A recente morte do Barão de Cotegipe foi uma perda importante para o Brazil e, em particular, para o *genuino* partido conservador, cujo verdadeiro chefe elle era, depois do fallecimento do duque de Caxias.

Homens como o defunto barão, são sempre necessarios a um paiz, e muito especialmente no periodo evolutivo que o imperio brasileiro vae atravessando.

Na phase actual, em que ali se debatem os mais importantes e complexos problemas sociaes, economicos e politicos, um homem da envergadura, do tino, e da experiencia do barão de Cotegipe não era de mais na politica brasileira, onde a sua acção havia de temperar muitas precipitações, senão remediar muitos males.

Devendo o que foi a si e ao seu trabalho, era exemplo vivo de que n'um paiz democratico, como é o Brazil, não ha lugar, por mais imminente que pareça, a que qualquer não possa aspirar, conquanto que a essas aspirações dê consistencia e valor a energia do temperamento, a intelligencia larga e cultivada, a tenacidade na luta e um pouco de ouvidos surdos á injuria, ao doesto e á calumnia dos contrarios; e estas qualidades, facil o reconhecerel-o, tinha-as em subido grão o barão de Cotegipe.

Quer como simples ministro da fazenda, quer como presidente do conselho, deputado ou senador, director da Misericórdia ou presidente do banco do Brazil, sempre a sua iniciativa foi fecunda, o seu exemplo proveitoso, e o seu auxilio efficaç.

Nos derradeiros tempos do seu ultimo ministerio, as suas tendencias conservadoras, as suas theorias economicas e talvez o verdadeiro conhecimento das necessidades da lavoura, levaram n'õ a não querer precipitar a resolução do problema da escravidão, e por todos os meios possiveis procurou harmonisar as aspirações dos anti-esclavajistas com os interesses dos lavradores. Vendo que o movimento estava lançado com impetuosidade, não quiz porém lutar contra elle e arredou-se, para o deixar passar triumphante e talvez um pouco desordenado e sem um plano futuro; mas não abandonou a contenda, e da cadeira de senador por mais d'uma vez a sua voz veio em auxilio de interesses que elle julgava prejudicados, e pôde dizer-se, para honra sua, que se foi um pouco duro para com o negro, victima d'uma instituição condemnada, é porque o civismo, o seu amor á patria brasileira lhes aconselhavam essa dureza, que não estava no seu character de homem, mas apenas nos seus calculos de politico.

Como todos os grandes calumniados, um dia virá em que o Brazil lhe hade erguer nma estatua.



MODAS
(CHAPÉUS À DIRECTÓRIO)

Pelos ceus, n'uma gondola de prata...

Oh, então, enlaçados como a hera,
Boiar no azul dos límpidos espaços,
Sendo o teu corpo a mystica galera,
Com leves remos de marfim, — teus braços!

Havia de parar, lá muito acima
D'essas regiões phantasticas e bellas,
N'um calmo reino, de amoroso clima,
Que ha para além do ceu e das estrellas...

D'esse paiz, nas ermas avenidas,
Construiria a minha Torre de Ouro,
Onde eu podesse amar-te ás escondidas,
E fosse teu, só teu, meu anjo loiro!

E, unindo as mãos de jaspe emegrecido,
As tuas mãos, tão brancas e asseadas,
A ti ficára para sempre unido,
O minha branca Apparição de fadas!

Depois, em uma effervescencia louca,
Quizera, apenas, miosotis do norte!
Collando a minha bocca á tua bocca,
Beber em sonhos o *hatchis* da morte...

Porto.

ANTONIO NOBRE.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

Dedicada ao célebre charadista Pequeno Antoninho

Pelo tempo do Natal
De perús, um bom casal
Bem carito, eu fui comprar,
Tendo a idéa firme e fixa
— Fixa, fixa, e bem prefixa — 1
De p'ra Vizeu l'los mandar.

Mas, depois de os ter comprado,
E a pedido os ter guardado
Na *quinta* do meu visinho, — 1
Comecei a meditar:
— Como diabo hei-de mandar
O casal ao Antoninho?

— P'lo correio, com *stampilhas*?
De espirito não tinha *pillas*, ... — 1
Demonio! não é possível!
— Pelo caminho de ferro?
Tinham fome, isso era erro,
D'esta forma é impossível!...

O meu corpo em febre arde,
Não quero para mais tarde — 2
Guardar o meu brindezinho;
Sempre, sempre a meditar,
Como hei de o casal mandar?
Como?! como?! ao Antoninho?

Por esta idéa ralado,
Qual feroz gato assanhado,
Em furor eu me carcomo!
E fitando olhar's irosos
Nos perús... appetitosos...
Eu dizia:—Como! como!

Ao fim de me aborrecer
De tanto como dizer,
Cheguei a esta conclusão:
Matei o casal gorducho
E peguei no *alto*... na *bucha*
Mas... fui por sua intenção.

MATHEUS JUNIOR.

Charadas por anteposição

Eu sirvo para qualquer se deitar. — 1.^a 2.^a
Para qualquer se deitar eu sirvo. — 2.^a 1.^a

Primeira e segunda — animal. }
Segunda e primeira — dove. } 2

Primeira e segunda — vestidura. }
Segunda e primeira — animal. } 2

PETIT DIABLE.

Electricas

Alimenta para traz e para diante. — 2
Vento, que allumia ás avessas. — 1
Mulher, que é azul ao contrario. — 2

Porto.

Pyrielampo.

ENIGMA

M
NO

Arceiroz

I. L. PERPETUA.

Decifrações

DAS CHARADAS: — Sapo — Sodoma — Perim — Sinopi — Chacal — Tatú — Remora — Macella — Alice.
DO LOGOGRIPO: — Malaca.

A RIR

N'um commissariado de policia:
— Confessas então que foste o auctor do roubo?
— Sim, sr. commissario; fui eu.
— Com dez annos apenas, e já preso por gatuno! Começas cedo!
— Eu não exerço a profissão, sr. commissario; mas tive de substituir meu pae, que está doente!

Discute-se sobre a pena de morte.
Um doutor em medicina, adversario *enrage* da execução capital, exclama:

— E, *bellissimo*! Não quero, mas o direito de receber a vida ao
Ouvido isto, diz-lhe d'ali um do grupo:
— Mas então, para que é você medico?

UM CONSELHO POR SEMANA

CONTRA AS FRIEIRAS

Banham-se as frieiras, pela manhã e à noite, no seguinte liquido:

Agua distillada d'alface—200 gr.

Agua de loureiro-cereja—100 „

Borax — 15 „

Depois de banhadas, convém deixar que o liquido seque sobre ellas.

DOIS BEIJOS

A L. P.

Lembras-te ainda d'um beijo
Que um dia me prometteste?
En quiz dar-t'o, e tu, de pejo
Ruborisada, tremeste.

Em silencio te quedaste;
E como não respondeste,
Dei-te o beijo; tu coraste,
Mas logo empallideceste!...

Ficaste triste, mui triste!...
E eu tambem!... mas quando viste
Que era grande a minha magua,

Tu, co' os olhos rasos d'agua,
Mas só pra que eu me alegrasse,
Rendeste-me a outra face!...

Leiria.

ERNESTO GANDARA.

ENTRE FIDALGAS

De repente, sem ninguem reparar, a condessinha de Valle de Figueira, uma lisboeta obstinada, que nunca abandona o seu palacete de Buenos Ayres, a não ser para dar uma fugida de quinze dias a Cintra ou a Cascaes, a condessinha, diziamos nós, declarou que tinha resolvido ir passar o verão á sua herdade de Torres Novas, onde ia mandar fazer alguns concertos e renovar a mobilia, para acceder aos desejos de seu marido, esmerado creador de gado cavallar e emprehendedor entusiasta, por vocação nativa, do cruzamento de raças, e aspirante á commenda da Conceição pelo seu merito agricola.

Todas as pessoas das suas relações estranharam estes projectos de mudança de residencia. A malidicencia começou a rosnar, havendo mesmo quem chegasse a propalar alguns falsos testemunhos a este respeito.

Se bem que a joven e interessante condessinha houvesse commettido durante o inverno umas leviandadesitas, em todo o caso, seja dito em abono da moralidade, ninguem lhe conhecia qualquer affeição menos honesta; por tanto, toda a gente de boa fé tinha o dever de louvar a dedicacão e solicitude encantadoras com que a juvenil fidalga se interessava pelo progresso das caudelarias; e não só por isso, mas por tudo que poderia ser agradável ao digno membro da — Sociedade promotora da agricultura portugueza.

Algumas amigas da formosa condessinha, curiosas de saber quantos vestidos e chapéus ella encomendára á modista, conseguiram saber que apenas tinha mandado fazer alguns penteadores muito leves, alguns até leves de mais, quasi transparentes. Como é de vêr, a condessinha contava já com um verão muito calmoso...

O que se concluía era que ella não tinha tencão de fazer visitas.

Que feliz conde!...

A admiracão era unanime.

Só uma pessoa houve que continuou a desconfiar do caso, se bem que não communicasse as suas suspeitas a ninguem. Essa pessoa, escusado será dizel-o, era uma das mais intimas amigas da condessinha, a baroneza do Gerez, que não lhe poupava as mais ternas blandicias, como tambem as censuras mais acres.

—O que! pois tens a coragem de nos deixares um verão in-

mais o conde tenciona fazer umas caçadas...

—Pois que! exclamou o baroneza, tu amas teu marido a tal ponto?

—Então, filha, quando uma mulher se vota a amar, não se sabe até onde pode chegar a mania. A minha, agora, é adorar meu marido. Então... deu-me para aqui...

A baroneza não ficou convencida com a declaracão, ou antes, ficou convencida do contrario.

Depois de humedecer-lhe o rosto com lagrimas, que ella muito desejára transformar em gotas de vitriolo, separou-se da sua amiga com o coração a trashedor de ciúme e odio.

Ciúme por que? Mais tarde o saberemos. E depois, será necessario motivo para se accenderem ciúmes entre mulheres? Não chega, ás vezes, o haver entre ellas inveja do incognito, do que occultam umas ás outras, ou que pretendem occultar?

A baroneza, que por uma coincidência interessante era tambem casada com um sujeito muito dedicado ás coisas da lavoura, tinha querido, dois annos antes, devotar-se do mesmo modo a partilhar da paixão agricola de seu esposo. Tentára igualmente participar da charneca, mas não se tinha dado bem, a ponto de abandonar o campo no meiado do verão, exactamente quando elle offerece mais encantos, e voltar para Lisboa.

Compreende-se por isso que ella tivesse inveja da sua amiga, que aliangava que não havia de aborrecer-se tão depressa.

—Aqui ha mysterio, mas heide descobril-o, descansá, disse a baroneza consigo.

Ja já para dois mezes que a condessinha estava habitando a herdade, mas nada de concertos, nem de mobilia de quartos, provavelmente por andar entretida com os trabalhos do conde; mas, coisa notavel, por diabolica e constante fatalidade, sempre que havia alguma caçada, ou era dia de reunião dos lavradores, a maliciosa condessinha tinha sempre um ataque de enxaqueca tão violento, que a obrigava a recolher-se á cama. Note-se que ella tinha um medo incrível de ficar só, e a creada, outra tal, muito medrosa tambem. Quando o conde se ausentava e levava consigo o cocheiro, o trintanario e um outro servical, quem ficava guardando a casa era um creado particular, que tinha entrado havia pouco para o serviço um rapaz inculcado por uma agencia; ora todos nós sabemos como as agencias são pouco escrupulosas a respeito das informações que obtem e que transmitem; portanto, nada mais facil do que qualquer qessoa metter em casa um traficante, um larapio, um assassino, pois não é assim?...

A condessinha vivia n'um isolamento, n'uma sensaboria tristissima, a despeito das instancias de seu marido, que, penetrado de vivo reconhecimento e com dó da esposa, todos os dias lhe repetia ao dar-lhe o beijo da despedida:

—Não estejas a sacrificar-te, filha. Vae, vae para Lisboa, vae para casa...

—Se eu sinto-me tão bem ao pé de ti!...

Ora o que hade um homem responder a isto? nada! Amar, adorar cada vez mais uma creatura assim, tão meiga, tão amante, tão dedicada... E' o que tem a fazer, e tambem ir muito sosegado da sua vida e livre de cuidados, todas as vezes que tinha de ausentar-se, visto ter logrado a fortuna de possuir uma esposa que com tão exemplar resignação soffre a ausencia do consorte.

Um dia, achava-se ella reclinada indolentemente na *chaise-longue* do seu quarto de vestir. Era um dos taes dias de enxaqueca, em que não tinha podido acompanhar o marido. A joven condessinha trajava uma toilette deliciosa, d'uma frescura admiravel: um meio termo entre a toilette de manhã e a do deitar da cama. Estava sonhando, mas accordada; seismava e esperava, quando de repente se abriu a porta do quarto.

—Até que enfim! exclamou a condessinha com voz languorosa, e levantando os olhos para o tecto, ao mesmo tempo que pelo tapete deslisavam uns passinhos leves e ligeiros e que uma voz suave e melliflua exclamava:

—Pois que! já me esperavas?

A condessinha endireitou-se, soltando um grito.

Era a sua amiga, a baroneza, que vinha visital-a, ou para melhor dizer, surprehendel-a, por que effectivamente não era ella que a condessinha esperava.

—O que!... és... és tu? balbuciou muito perturbada. Tem graça!... Se adivinhasse que vinhas...

—Nem podias adivinhar... Sabes que o acaso fez-me tua vizinha por um mez? Mas diz-me, como tens passado?...

arrependo! No caminho encontrei teu marido, que me deu a

certeza de que estavas em casa. «Pois vou até lá» disse commigo, e aqui estou!

A condessinha parecia ter ficado devéras contrariada com a visita; no entanto, não o deu a conhecer, e como visse a sua amiga estar a enxugar a testa, disse-lhe com certa hesitação:

—Queres talvez tomar algum refresco, não é verdade?

E dizendo isto, dirigiu-se para a porta do quarto, com o fim de dar as suas ordens.

—Deixa, filha, não te incommodes, observou-lhe a baroneza, encaminhando-se para o fogão e puxando o cordão da campainha.

O movimento da baroneza e o roçar do fio de ferro na parede, produziram na condessa um calafrio.

Acto continuo apparece o creado do quarto, e com uma voz meiga exclama:

—Já estavas impaciente, não é assim? mas mal soltára estas palavras, encara com a baroneza, que estava um pouco occulta na penumbra. Esta reconhece-o e ficam todos tres com ar compromettido, pasmados e silenciosas.

—Tem razão: eu nunca tive geito para educar creados; não gosto de vexar os serviçaes que estimo... O que te digo, minha querida, é que não te fies n'elle. Não é de todo em todo mau creado; em todo o caso, se tens por cá alguma creada bonita, acautela-te, porque elle costuma abusar do disfarce. Além de que, não é da mais exemplar probidade, por que depois d'elle sahir de minha casa dei pela falta d'um anel...

—Que por signal a senhora baroneza perdeu no meu quarto...

—E' possível, e muito provavel tambem que se achasse na sua mala, se a tivesse mandado revistar por meu marido, ou reclamasse a sua prisão por larapio...

A condessinha a este tempo tinha coberto o rosto com as mãos para dissimular a sua vergonha; mas não tão bem que não visse por entre os roseos dedinhos o sufficiente para atinar com a porta da sahida sem tropeçar nos moveis.

A baroneza e o conde ficaram sós.

—Foi uma acção muita baixa a que acabou de praticar! exclamou o creado particular da condessinha.



BARÃO DE COTEGIPE

A baroneza recobra o sangue frio, e com voz sibilante e ares chocarreiros, exclama:

—Ah! tens agora ao teu serviço este cavalheiro?

—Por que? já esteve ao teu?...

—Já. Podias até ter-te informado commigo a respeito d'elle.

—Minhas senhoras... interrompeu o creado.

—Nem uma palavra, senhor Ruy Blas! acudiu a baroneza, rindo da maneira por que as mulheres costumam rir em casos taes.

—Eu não posso permittir... proseguiu o elegante esquireiro.

—Já que não é a primeira vez que se disfarça em lacaios, porte-se como elles. Para a outra vez, quando vestir a libré, não entre n'um quarto onde estiverem senhoras, sem pedir licença.

—Minha senhora, retorquiu o conde, —pois que o namorado mascarado de lacaios era nem mais nem menos do que um titular muito conhecido, que envergára a libré das aventuras — se não se tivesse perdido no meio de tanta gente, não se sabia de que casa foi...

—Talvez, mas livre a minha amiga de uma vergonha. Fosse outra a que tivesse vindo visitá-la e estava perdida!

Só com dois maridos excepcionaes, como os nossos, é que o senhor poderia ter escapado sem uma boa sova de pau!

D'esta vez poupei-lhe estar os oito dias a contento... Para experiencia bastam os que tem já de serviço.

—Tão pouco...

—Descarado!...

Olharam um para o outro e desataram a rir. Era o melhor que tinham a fazer para que a vingança d'ella fosse completa e o despeito d'elle menos humilhante.

A baroneza tomou uma soda-water e sahio. Quanto ao conde, esse abandonou n'esse mesmo dia o serviço da condessinha, para não arriscar o lombo...

Voltará a ajustar-se em casa da baroneza? Hum!... duvido!

Irá offerecer o seu prestimo a outras fidalguinhas?

Não agora... O diabo o jure!